Aufklärung Revista de Filosofia
AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.143-154
DOI: https://doi.org/10.18012/arf.v12i2.72896
Recebido: 25/03/2024 | Aceito: 30/06/2025
Licença: Creative Commons 4.0 International (CC BY 4.0)

A ESCRITA COMO CONDIÇÃO DA FILOSOFIA NO PENSAMENTO DE DERRIDA

[WRITING AS A CONDITION OF PHILOSOPHY IN DERRIDA'S PHILOSOPHY]

*Eduardo Rodrigues**
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

RESUMO: Em uma de suas obras mais famosas, *A Farmácia de Platão*, Derrida delineia questões cruciais sobre a escrita, que é analisada a partir de uma leitura dos diálogos de Platão, principalmente o *Fedro*. A escrita aqui é revisitada através do conceito de *phármakon*, entendida no interior de sua própria ambiguidade, sendo, ao mesmo tempo, veneno e cura para a memória, para o desenvolvimento da comunicação e do conhecimento humano. Se por um lado, as críticas às ambiguidades da escrita ao longo da história mostram, de acordo com Derrida, certa centralidade do *lógos* e da voz (do logocentrismo e do fonocentrismo) sobre o pensamento ocidental. Por outro, a partir de sua ambiguidade, vemos que a escrita é de suma importância para o pensar, apresentando-se enquanto suplemento do *lógos*. Assim, a partir dos argumentos de Derrida em *A Farmácia de Platão* e da compreensão de seus quase-conceitos; rastro (*trace*) e *différance*, pretendemos indicar como a escrita, a escritura e a Arqui-escritura se apresentam como condição do desenvolvimento do pensamento e, por isso, como condição própria da filosofia.
PALAVRAS-CHAVE: Escrita; *Différance; Trace;* Derrida; Condições do pensamento

ABSTRACT: In one of his most famous works, *Plato's Pharmacy*, Derrida outlines crucial questions about writing, analyzing it through a reading of Plato's dialogues, primarily the *Phaedrus*. Here, writing is revisited through the concept of *phármakon*, understood within its own ambiguity, being both poison and cure for memory, communication, and the development of human knowledge. On the one hand, the historical criticisms of the ambiguities of writing, according to Derrida, reveal a certain centrality of *lógos* and voice (logocentrism and phonocentrism) in Western thought. On the other hand, due to its inherent ambiguity, writing proves to be of utmost importance to thinking, presenting itself as a supplement to *lógos*. Thus, drawing on Derrida's arguments in *Plato's Pharmacy* and his quasi-concepts—*trace* and *différance*—we aim to demonstrate how writing, scripturality, and *Archi-écriture* emerge as conditions for the development of thought and, therefore, as the very condition of philosophy itself.
KEYWORDS: Writing; *Différance;* Trace; Derrida; Conditions of philosophy

I - INTRODUÇÃO

A escrita na *Farmácia de Platão* de Derrida é analisada a partir do mito apresentado na última parte do *Fedro*, quando Sócrates apresenta a história-mitema sobre a origem da escrita. Nesse

**Doutorando e Mestre em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail:filosofia_edrodriguez@protonmail.com.*

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.143-154

mito vemos Theuth, deus inventivo, subordinado dos deuses e ao mesmo tempo único capaz de levar em palavras os intentos dos deuses para os homens (DERRIDA, 2005, p. 34) tal como Hermes (na antiga Grécia) e Mercúrio (em Roma). Além disso, Theuth - ou Thot, Nâbu, Nebo - é o único entre os antigos deuses capaz de substituir, mesmo que temporariamente, o maior dos deuses, Amon-Ra (DERRIDA, 2005, p. 33).

No mitema platônico, Rá é referenciado com o nome Thamous, deus dos deuses, rei dos reis, que desconfia de um dos presentes dado por Theuth, a escrita. Para o deus, e como aparece em outras obras de Platão, de acordo com Derrida, a escrita deve ser vista (condenada e ao mesmo tempo sacralizada) enquanto veneno e cura, ou seja, enquanto *Phármakon*. Como visto no resumo acima, vemos que tal como o *Phármakon*,a escrita é entendida no interior de sua própria ambiguidade, e de outros dualismos, principalmente para as questões que envolvem a memória, a comunicação e o conhecimento humano.

A partir disso, realçamos aqui essa leitura derridiana da escritura enquanto *phármakon*, enquanto jogo de rastros e de suplementos, e enquanto *différance*,apresentando a defesa de que a escrita enquanto órfã, suplementar ao *lógos* e parricida do pai da palavra dita (sendo assim, sobrevivente ao logocentrismo) é mais profícua para o pensamento humano, tornando-se condição de possibilidade para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento humano.

Há, contudo, condições necessárias para que a escrita torne possível o pensar e, principalmente para este trabalho, o pensar filosófico. Eis o que perpassa a argumentação deste artigo. Apresentar as condições do pensamento filosófico, especificamente, a partir da compreensão de quase-conceitos de Derrida que aparecem em seu livro *A Fármacia de Platão* e, que, de acordo com o pensador, operam também em conjunto com a escrita. Eis o rastro, a *différance* e a leitura derridiana. Com esse objetivo, nos sujeitamos também ao erro, já que se pretende adentrar o interior da escrita e, com isso, mover-se entre os quase-conceitos em busca de novos entrecruzamentos e significados.

Tal como entendemos os quase-conceitos de Derrida, também compreendemos que eles não operam a partir de um mecanismo linear, idealizado e sistemático. O rastro, o traço, a escrita, a *différance* podem operar em conjunto ou isoladamente, em entrecruzamento, em linearidade ou não. São esses quase-conceitos que operam (n)a escrita, (n)a realidade e (n)a subjetividade, viabilizando a compreensão de que a vivência, a experiência se dá a partir da percepção da diferença, da alteridade, do outro, e da produção e do entendimento de significados

outros do que é experienciado. Dito isso, vejamos a operação da escrita e como ela, entendida em conjunto a certos quase-conceitos derridianos, se apresenta como condição da filosofia.[1]

II - O *PHÁRMAKON* E O RASTRO (*TRAIT*)

De acordo com Derrida em *A Farmácia de Platão*, a escrita se opera tal como Thot, seu criador, - compreendendo que as características do deus e a da escrita coincidem, - como suplemento do *lógos* e como substituição, "que se opera, pois, como um puro jogo de rastros e suplementos ou, se queremos ainda, na ordem do puro significante que nenhuma realidade [...] vem bordejar, limitar, controlar;" (DERRIDA, 2005, pp. 34-5).

A escrita é, assim, entendida como *phármakon*, como veneno/cura que contém diversos outros dualismos, e que, dessa forma, acaba por operar um jogo.[2] A escrita como suplemento do *lógos* e substituta da palavra dita acaba por se tornar significante de significante, e, por isso, acaba atuando como aquilo que apresenta algo outro de um possível significado anterior.

Atenuando seus efeitos, o *phármakon* e a escrita trabalha assim como substrato da memória, *hypómnesis* capaz de arquivar mas não de rememorar tal como àquilo que está na *mnéme*:

> Donde os dois malefícios desse *phármakon*: ele entorpece a memória e, se presta socorro, não é para *mnéme*, mas para *hupómnesis*. Em vez de despertar a vida no seu original, "em pessoa", ele pode quando muito restaurar os monumentos. Veneno debilitante para a memória, remédio ou reconstituinte para seus signos exteriores, seus sintomas, com tudo o que essa palavra pode conotar em grego: acontecimento empírico, contingente, superficial, geralmente de queda ou decaimento, distinguindo-se, como um índice, disso ao que remete. Tua escritura cura apenas o sintoma, já dizia o rei, a quem devemos o saber da diferença intransponível entre a essência do sintoma e a essência do significado; e que a escritura pertence à ordem e à exterioridade do sintoma. (DERRIDA, 2005, p. 57)

No entanto, com sua condição ambígua, de dualismo, a escrita pertence à exterioridade, à *hypómnesis*, ao mesmo tempo que afeta o interior, suplementando o *lógos*, e perdendo o rastro originário de significado: "Assim, ainda que a escritura seja exterior à memória (interior), ainda que a hipomnésia não seja a memória, ela a afeta e a hipnotiza no seu dentro" (DERRIDA, 2005, p. 57). Essa operação é possível exatamente pelo fato da escrita conter "esse jogo de rastros e suplementos":

> Se o *phármakon* é "ambivalente", é, pois, por constituir o meio no qual se opõem os opostos, o movimento e o jogo que os relaciona mutuamente, os reverte e os faz passar um no outro (alma/corpo, bem/mal, dentro/fora, memória/

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.143-154

> esquecimento, fala/escritura etc). E a partir desse jogo ou desse movimento que os opostos ou os diferentes são detidos por Platão. O *phármakon* é o movimento, o lugar e o jogo (a produção de) a diferença. Ele é a diferencia [*différance*] da diferença. Ele mantém em reserva, na sua sombra e vigília indecisas, os diferentes e os diferindos que a discriminação virá aí recortar. As contradições e os pares de opostos levantam-se sobre o fundo dessa reserva diacrítica e diferante [da *différance*]. (DERRIDA, 2005, pp. 74-75)

A crítica de Derrida a Platão parte, portanto, do reconhecimento de que a escrita não é um registro passivo, mas um jogo de rastros e suplementos. Enquanto Platão a reduz a uma simples *hypómnesis*, um suporte externo da memória que a enfraquece em vez de fortalecê-la, Derrida mostra que a escrita, ao operar nesse jogo de adiamentos (*différance*), é a própria condição da memória e do pensamento. O *lógos*, longe de ser uma instância pura e autossuficiente, já está sempre contaminado pela escrita, pois seu significado nunca é imediato e estável, mas sempre está em deslocamento.

Derrida, assim, desmonta a crítica platônica à escrita ao demonstrar que ela não é um obstáculo à verdade filosófica, mas sua própria condição de possibilidade. A filosofia, enquanto exercício do pensamento, não pode se fundar na ilusão de uma presença plena do significado, mas deve reconhecer que todo saber se dá na e pela escritura. O *phármakon*, que Platão via como uma ameaça à autenticidade do conhecimento, revela-se, na leitura derridiana, como aquilo que possibilita a continuidade e a transformação da filosofia. Se a escrita suplementa o *lógos* e impede que a palavra dita preserve seu suposto significado original, é justamente porque o pensamento filosófico só pode se dar nesse movimento, nesse jogo de rastros e diferenças.

Dessa maneira, Derrida reconfigura a relação entre escrita e filosofia, mostrando que esta não pode se apoiar em uma origem pura e incontaminada do saber, mas deve assumir a escritura como seu meio constitutivo. O pensamento não antecede a escrita, mas só existe como escritura, como um processo incessante de interpretação, deslocamento e reinscrição do sentido. A filosofia, ao invés de buscar um fundamento absoluto e imutável, se dá na errância da *différance*, naquilo que nunca se fixa definitivamente, mas se abre à multiplicidade, ao rastro, à transformação infinita do sentido.

Contudo, a escrita enquanto jogo de rastros e como movimento da *différance*se torna ainda mais evidente se compreendermos como Derrida desenvolve esses quase-conceitos, de rastro, trace, e différance, em suas obras, principalmente enquanto condições e/ou características da escritura.[3]

Para falarmos do rastro ressaltamos os argumentos de SERRA e

HOKI (2017) que ao analisarem a técnica de animação de Kentridge evidenciam como, de acordo com Derrida, "a linguagem escrita havia sido considerada, pelas filosofias logocêntricas, como mera extensão da linguagem falada e do pensamento" (SERRA e HOKI, 2017 p. 95). Contudo, como é indicado pelas autoras, Derrida mostra que dentre as características da escritura há a "trama de remetimentos," a "vinculação a um suporte," e, por isso, "a possibilidade de apagamento e a não subordinação ao discurso falado e ao pensamento conceitual" (SERRA. HOKI. 2017 p. 95). Diante disso, tomamos por empréstimo o recorte das autoras de um trecho onde Derrida define seu quase-conceito de rastro:

> O rastro é a própria experiência, em toda parte onde nada nela se resume ao presente vivo e onde cada presente vivo é estruturado como presente por meio da remissão ao outro ou a outra coisa, como rastro de alguma coisa outra, como remissão-a. Desse ponto de vista, não há limite, tudo é rastro. (DERRIDA, 2012, p. 79)

O rastro, compreendido como característica da escrita, tal como visto na 'Farmácia', considerando que a escrita é tal como um "jogo de rastros e suplementos", faz entrever aquilo que se mostra entre a ausência e a presença, um espaçamento que resiste a qualquer apreensão. A escrita como rastro produz deslocamentos, mas diante de seu texto, de seus espaçamentos, produz o jogo e o dualismo entre significados que se deixa ver enquanto significante de significante.

Tal como o rastro freudiano, que se encontra enquanto limiar da consciência, o rastro Derridiano também se estrutura no interior da consciência estratificada freudiana, na memória, mas não como ideia pré-concebida, algo que apesar de subsistir na memória nunca pode ser visto ou reproduzido da mesma forma. Aqui temos também um entrecruzamento entre rastro, traço e *différance*, esses quase-conceitos que se entrecruzam, subsistem, e se apresentam como condição de sentido, de produção de sentidos outros.

Deve-se daí também a indicação de Derrida na *Farmácia de Platão* da escrita enquanto suplemento do *lógos*. Dá-se que a escrita acaba, tal como seu deus-criador (Thot), por substituir a si mesma, gerando algo outro em relação a si e ao *lógos*. Esse algo outro é o que é posto no centro do pensamento de Derrida, e existe tanto em relação à memória, à imagem, quanto à escrita como algo que se move entre o visível e o invisível e, que, por isso, nos possibilita o outro e o mover-se do pensar, da desconstrução e da reelaboração. Indica-se aqui a relação entre deslocamentos, movimentos entre significantes, operações da escrita enquanto *phármakon* e, por isso, enquanto jogo de rastros que, em Derrida se operam também no sujeito que experiencia a escrita, que é,

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.143-154

dessa forma, incentivado a pensar, entendendo o processo cognitivo de pensar, enquanto entrecruzamento de significados, entrecruzamentos de rede de significados e remissões. Eis como a escrita pode ser vista como condição para o pensar.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.143-154

III - A *DIFFÉRANCE* DA ESCRITA

Contudo, em relação ao sujeito e a textura do real temos o movimento de uma heteroafecção originária da escrita que podemos compreender a partir da différance que, como nos indica SERRA (2011), é:

> "(...) fundamento quase-transcendental do fenômeno, (...) no sentido de um núcleo originário que só pode ser pensado retrospectivamente, a partir do que se indica no fenômeno. Isto se mostra, para Derrida, na relação entre consciência e inconsciente, bem como no caso da pintura e da obra poética, em cujo corpo da letra inere o sentido ideal". (SERRA, 2011, p. 122).

A *différance* é o fundamento que nos permite pensar e capturar um algo outro a partir do que é experienciado, inclusive é o fundamento para que algo outro e o movimento do pensar ocorra tanto na escrita quanto na leitura. Compreende-se aqui a *différance*, esse fundamento presente tanto na construção/desconstrução da realidade quanto no sujeito, enquanto condição de diferença, de percepção de alteridade. E, por isso, algo que se opera também no interior da escrita e da leitura.

A *différance* como heteroafecção originária do *phármakon* e do *rastro* e, por isso, como condição da escrita enquanto matéria experienciada, indica algo outro de seu significado originário. Se a grafia escrita foi responsável pela acumulação do conhecimento humano, não foi somente porque ela é capaz de arquivar o que foi pensado e descoberto. Mas também porque através de sua leitura, de sua experiência, os sujeitos sempre podem encontrar significados outros, que fazem com que outros conhecimentos sejam criados, novas interpretações surjam, outros pensamentos e descobertas sejam realizadas. Eis a escrita entendida como *phármakon*, emancipada do *lógos*, parricida do significado originário, condicionante do pensar. Tal ideia é assim contemplada através da différance por Derrida na *Gramatologia*. Sobre isso, Duque-Estrada explica:

> É a partir deste sistema de diferenças que será tecida a idéia derridiana de escritura. E é exatamente neste momento, quando ele se volta para o caráter radicalmente prévio de um sistema de diferenças em relação a todo significante e a todo significado, que Derrida situa, a um só tempo, a importância mas também a necessidade de ir mais além da terminologia semiológica de Saussure: "significante" e "significado", como as duas faces do signo lingüístico ["um

> modelo do qual sabemos que algures, no ponto mais inédito da investigação, funcionará como obstáculo"], já não podem dar conta do que agora se vislumbra. (DUQUE-ESTRADA, 2002, p. 20)

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.143-154

Vê-se assim, seguindo a descrição de Duque-estrada e de acordo com a nossa tese, o *phármakon* como característica de algo que se opera através da *différance*. A escrita por ser *phármakon*, ser matéria de arquivo de conhecimento e que opera por sistema de diferenças, se mostra, por isso, como condição para o pensar, para a comunicação e para o desenvolvimento do conhecimento humano.

A escrita é *phármakon* da memória, suplemento que gera algo outro, jogo de rastros que possibilita a filosofia, possibilita a atividade que pensa e persegue rastros da experiência e do próprio pensamento e, assim, permite a atividade mesma da desconstrução.

Se a escrita, enquanto *phármakon*, se apresenta como um sistema de diferenças que possibilita o conhecimento e a comunicação, é preciso considerar sua relação com a noção derridiana de escritura (*écriture*). A escritura, para Derrida, não pode ser reduzida a uma simples transcrição da fala ou a um mero suporte secundário para o pensamento. Pelo contrário, a escritura, na *Gramatologia*, aparece como uma estrutura que precede e fundamenta qualquer sistema de significação, subvertendo a hierarquia tradicional entre fala e escrita. A primazia concedida ao *lógos* na metafísica ocidental, como um discurso que garantiria um sentido pleno e originário, é questionada por Derrida ao mostrar que a escrita não é um acréscimo externo à linguagem, mas sim sua própria condição.

IV. Escritura e Arqui-escritura - de condição de possibilidade à crítica à metafísica

A escritura, assim, não é apenas um conjunto de signos destinados à representação do pensamento, mas um espaço onde o sentido se constitui na e pela diferença. Como mostra Derrida, não há um significado fixo e absoluto, pois a linguagem opera sempre por deslocamentos e adiamentos, fenômeno expresso pelo conceito de *différance*. Esse adiamento indefinido do sentido impede qualquer fechamento semântico, tornando a escritura um campo aberto de possibilidades interpretativas. Ao contrário da concepção tradicional que via a escrita como um instrumento passivo, Derrida a entende como um sistema autônomo, onde o sentido é sempre móvel e suscetível à reinterpretação.

Desse modo, a escritura não apenas arquiva o conhecimento, mas o transforma continuamente, ao permitir leituras múltiplas e novos significados. Se a escrita enquanto *phármakon* emancipa o pensamento do *lógos* e se torna um princípio condicionante do saber, a escritura, por

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.143-154

sua vez, radicaliza essa emancipação, ao dissolver qualquer referência fixa e instaurar um jogo de rastros que nunca se totaliza. A escritura, enquanto experiência da *différance*, é também o lugar da desconstrução: nela, o significado nunca se estabiliza, pois está sempre em processo, sempre em deslocamento.

Assim, ao ampliar a reflexão sobre a escrita e a escritura em Derrida, compreende-se que a linguagem não é um simples meio de transmissão de ideias preexistentes, mas um campo de produção de sentido onde a verdade nunca é plena, mas sempre um efeito provisório, dependente do jogo das diferenças. O pensamento, ao se inscrever na escritura, não apenas comunica algo já formulado, mas se constrói no próprio ato da escrita. A escritura, portanto, não é um suporte externo ao pensamento, mas sua própria condição de possibilidade, sua marca fundamental e seu espaço originário.

Já com o conceito de O conceito de arque-escritura (*archi-écriture*), desenvolvido por Jacques Derrida, é central para sua crítica à metafísica da presença e à primazia do *lógos* na tradição filosófica ocidental. Derrida questiona a concepção clássica de que a fala possui uma relação imediata e privilegiada com o significado, enquanto a escrita seria apenas um meio secundário de registro. Contra essa ideia, ele propõe que a escrita não é um simples complemento ou derivação da fala, mas sim uma estrutura fundamental da linguagem e da significação.

A arque-escritura designa um nível originário e estrutural da linguagem, um sistema de rastros e diferenças que antecede qualquer distinção entre oralidade e escrita. Para Derrida, não há um significado puro ou fixo que preexista à sua inscrição na linguagem; todo sentido só se constitui na e pela diferença, no jogo de adiamentos e substituições que caracteriza a *différance*. Nesse sentido, a arque-escritura não se refere a um sistema de escrita no sentido convencional, mas sim a uma estrutura primária da significação, que opera em todos os níveis da linguagem.

Essa concepção se articula diretamente com a crítica que vemos no início deste artigo de Derrida a Platão, especialmente em sua leitura do *Fedro*, onde Platão contrapõe a escrita ao *lógos* vivo da fala. Como vimos, para Platão a escrita é um *phármakon*, um remédio que, paradoxalmente, pode tanto curar quanto envenenar o pensamento. Ele a associa à memória artificial e à perda da autenticidade da palavra falada, argumentando que a escrita distancia o conhecimento de sua fonte original. Derrida, no entanto, inverte essa lógica ao mostrar que não há uma fala originária e autêntica anterior à escrita. Ao invés de um mero instrumento derivado e secundário, a escrita é, na verdade, aquilo que

possibilita a própria estrutura do pensamento e da linguagem.

Dessa forma, Derrida desconstrói a hierarquia estabelecida por Platão entre fala e escrita, revelando que a escrita não é uma mera transcrição do *lógos*, mas sim sua condição de possibilidade. A escrita não apenas preserva o pensamento, mas também o constitui, pois é no jogo das diferenças, nos deslocamentos da *différance*, que o sentido se produz. Assim, a **arque-escritura** desestabiliza a ideia platônica de um significado pleno e estável, demonstrando que todo conhecimento já nasce mediado pela linguagem e por seus mecanismos de repetição e adiamento.

Com isso, Derrida reafirma a importância da escritura como condição do pensamento. Ao contrário da concepção tradicional, que via a escrita como um suporte externo ao pensamento, ele demonstra que o pensamento só pode existir enquanto inscrição, enquanto um jogo de rastros que nunca se fixa definitivamente. A escrita não apenas comunica um conteúdo já formulado, mas constitui o próprio espaço onde o pensamento se constrói e se transforma. Dessa maneira, a arque-escritura não apenas desafia a metafísica ocidental, mas também redefine a própria relação entre linguagem, conhecimento e subjetividade, evidenciando que todo sentido é sempre provisório, diferido e reconfigurável.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.143-154

Conclusão

Vê-se aqui, que a escrita emerge como ponto de partida para que o conhecimento siga em um mover-se e num arquivar-se. Da escrita e de sua experiência um conhecimento emerge, se torna algo outro e retorna para a escrita. Processo e arquivo gráfico que infelizmente sempre se encontra sob ameaça, seja pela ignorância, pela violência, pela destruição humana.Assim, indicamos o entrelaçar dos processos, dos movimentos possíveis e dos quase-conceitos Derridianos que se submergem e que operam ora separados, complementares, ora conjuntamente à escrita.

A escrita suplementa o *lógos* e se substitui, opera-se enquanto jogo de suplementos e rastros, enquanto *phármakon* que suplementa e substitui a apresentação de uma ideia originária (de um *lógos*), impedindo que aquilo que foi dito por um autor (um pai) se apresente com seus significados originários. Eis como a escrita se mostra não somente órfã de seu pai, mas como parricida e emancipada. Ela faz com que algo do originário, daquilo produzido pelo pai, se perca. No entanto, permite a produção de outros significados, emite-se um pensar que se perpetua enquanto movimento, condicionado a traduzir e a produzir, gerando, decerto, sempre algo outro do que está escrito, do que fora lido

ou apreendido. O sujeito se põe diante daquilo que se apresenta enquanto significante de significante e não diante de algo submetido por uma ideia originária, a um *lógos* orientador. Vê-se diante da escritura é estar no mover-se entre rastros, entre suplementos e entre conflitos de diferenças. Se pôr no deslocar-se do pensamento até um algo outro. Eis a escrita como base, como condição do exercício da différance e, por isso, da própria filosofia.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.143-154

Referências

DERRIDA, Jacques. *La Pharmacie de Platon*. Tel Quel, ns. 32 et 33) Paris, 1968.

DERRIDA, Jacques. De la Grammatologie. Minuit, Paris, 1967.

DERRIDA, Jacques. A Farmácia de Platão. Tradução de Rogério da Costa. Iluminuras, 2005, São Paulo.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Chaiderman e Renato Janine Ribeiro. Perspectiva, São Paulo, 2011

DERRIDA, Jacques. *Com o desígnio, o desenho*. Em: *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível(1979-2004)*. Pp. 161-190. Tradução por Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2012, pp. 161-190.

DERRIDA, Jacques. *Pensar em não ver*. Em: *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível(1979-2004)*. Pp. 161-190. Tradução por Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2012, pp. 161-190. pp. 63-90.

DUQUE-ESTRADA, Paulo C. *Derrida e a escritura*. In: *Às margens - A propósito de Derrida*. Org. Paulo C. Duque-Estrada. Edições Loyola, São Paulo, 2002.

PLATÃO. *Platonis Opera*. E.d. John Burnet. Oxford University Press. 1903.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução de José Cavalcante de Souza. Editora 34, São Paulo, 2016.

SANTIAGO, Silviano. *Glossário de Derrida*. Livraria F. Alves Editora, São Paulo, 1976.

SERRA, Alice Mara. *A restância do traço e a desconstrução da origem na estética quase-transcendental de Jacques Derrida*. Em: *Artefilosofia*, Ouro Preto, n.10, p. 120-134, abr. 2011.

SERRA, Alice Mara. HOKI, Leíner de Carvalho. *Desenhos sob desenhos, jogo e resistência: William Kentridge e Jacques Derrida*.Em: *ARTEFILOSOFIA*, nº 22, julho de 2017, p. 87-103.

Notas

1 Importante ressaltar que Derrida tem um projeto gramatológico que entrevê a escrita emancipada do *lógos* e das estruturas pré-concebidas pelo pensamento ocidental. A escrita não só opera como suplemento do *lógos* mas como matéria de desconstrução, de encontro de deslocamentos, de rastros e traços. Eis a matéria e

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.143-154

o projeto concebido na *Gramatologia* de Derrida que é implicitamente mencionada aqui como complemento da *Farmácia*, para o entendimento do *Phármakon* como quase-conceito que adjetiva aquilo que produz dualismos e que faz perder o que se dá enquanto significado originário sempre em direção a algo outro.

2 Compreende-se que jogo para Derrida é, de acordo com SILVIANO (1976, p. 53), "sempre jogo de ausência e de presença, mas se o quisermos pensar radicalmente, é preciso pensá-lo antes da alternativa da presença e da ausência, é preciso pensar o 'ser'" como presença ou ausência a partir da possibilidade de jogo, e não inversamente". Mais precisamente o jogo é entendido como experiência da différance, da tentativa de perseguir o rastro e, por isso, entendida como atividade que segue deslocamentos, gerando movimento e pensar. DUQUE- ESTRADA esclarece essa concepção de jogo principalmente com a ideia de conflito de rastros: "Com o termo rastro, evita-se recair na dupla possibilidade metafísica de presença e ausência, esta última não sendo outra coisa senão uma modificação da primeira. Dito isto, devemos agora recolocar em outros termos a enunciação do jogo que fizemos linhas acima: não se trata de um jogo de presença e ausência, mas sim de um jogo, ou melhor, de um conflito de rastros: o termo 'natureza'", para ficarmos com o nosso exemplo, quer afirmar a existência em si de um determinado campo ou domínio o que, no entanto, só é possível pelo recalque do termo "cultura" ou "história", etc, e vice-versa" (DUQUE- ESTRADA, 2012, p 27).

3 Por outro lado, poderíamos dizer, se formos por outra direção explicativa, que a escrita tem como condição o traço (*trait*) que, de acordo com Derrida, é "[...] a linha que separa dois *plein* (linhas espessas) [...]. Então, o traço diferencial, metaforicamente [...], o traço diacrítico, é aquilo que permite opor o mesmo e o outro, o outro e outro, e distinguir" (DERRIDA, 2012, p. 165). Logo, o traço é aquilo que dá sentido ao que está escrito, aquilo que se manifesta a partir do ato da escrita (ou do desenho) e que existe tanto no momento em que ela se realiza entre o visível e o invisível, quanto no momento anterior, do ato pensado, do fenômeno lembrado, daquilo que, inicialmente, está depositada no interior da memória (na estratificação freudiana da consciência/inconsciência). Esse quase-conceito, o traço, se amplia ao longo dos escritos de Derrida e vai encontrando corpo e uma definição cada vez mais precisa ao mesmo tempo que complexa. De acordo com Serra: "Ampliando a noção do traço – pensado primeiramente a partir de Freud como traço mnênico – para traços de escrita, grafia e imagem, apresenta Derrida o projeto de uma desconstrução ampliada do logocentrismo das filosofias da presença, através da reativação e preservação do traço (como escrita e imagem transcendentes à intuição interna). Segundo Derrida, é necessário recuperar no interior dos próprios textos filosóficos e fora destes a presença de um traço que, constituindo-se como signo, aponta não para outras

formas de presença, mas para outras diferentes formas de escritura. [...]. De Platão a Husserl, o traço ou a escritura teriam trazido em si o perigo do simulacro, da falsa repetição, ao escapar a uma intencionalidade fundante e a seu contexto de surgimento". (SERRA, 2011, p. 122).